



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO- CAMPUS I**  
**LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**ADRIANE GOMES DA SILVA**

**O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL NO  
AMBIENTE ESCOLAR: DESCONSTRUINDO PRECONCEITOS**

**SALVADOR-BA**

**2023**

**ADRIANE GOMES DA SILVA**

**O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL NO  
AMBIENTE ESCOLAR: DESCONSTRUINDO PRECONCEITOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia no Curso de Pedagogia do Departamento de Educação – Campus I pela Universidade do Estado da Bahia.

Orientadora: Profa. Ma. Sheila Batista Maia Santos Reis da Costa

**SALVADOR-BA**

**2023**

**ADRIANE GOMES DA SILVA**

**DESCONSTRUINDO PRECONCEITOS: O DESENVOLVIMENTO DE  
CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL NO AMBIENTE ESCOLAR**

Pesquisa apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura  
Plena em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Ma. Sheila Batista Maia Santos Reis da Costa (Orientadora)  
Universidade do Estado da Bahia

---

Profa. Dra. Valquíria Claudete Machado Borba  
Universidade do Estado da Bahia

---

Prof (a) Banca Avaliadora

## AGRADECIMENTOS

Quero expressar minha gratidão a Deus, por me acompanhar até este momento e por todas as experiências que Ele me permitiu vivenciar. Agradeço-lhe pela força, inspiração e por segurar minha mão durante essa jornada. Sou profundamente grata ao Senhor, por ter dado início ao meu curso de pedagogia e por agora estar concluindo-o. Até aqui, Deus tem me sustentado e me ajudado incansavelmente. Sua bondade é constante e inigualável.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a minha mãe, por sempre fazer o máximo por mim, como cuidar da minha alimentação e garantir que eu tivesse meios de transporte adequados. Ela tem sido minha grande incentivadora desde o início. Também quero agradecer ao meu pai por todo o apoio e encorajamento, inclusive por não medir esforços, mesmo ficando acordado até tarde, esperando eu voltar da faculdade para me buscar na entrada do meu bairro, já que eu retornava tarde e nem sempre havia um transporte direto para a minha casa. Sou imensamente grata pelo sacrifício de vocês. É graças à dedicação de vocês que estou conseguindo superar obstáculos e avançar cada vez mais!

Gostaria de expressar minha profunda gratidão aos meus irmãos por sempre acreditarem em mim, mesmo quando eu mesma não tinha confiança. Seu apoio incondicional foi fundamental para eu ir além dos meus limites. Quero também agradecer aos meus amigos, que sempre estiveram ao meu lado, me oferecendo palavras de encorajamento e força. Em especial, minha amiga Mariana, que me deu a coragem necessária para não desistir, e à Imária, que incansavelmente conversou comigo e me deu conselhos maravilhosos. Agradeço a Deus, pela vida de todos os meus amigos, mesmo aqueles que hoje estão mais distantes, pois, ao longo desta jornada, eles me ajudaram de muitas formas. Tenho certeza de que Deus sempre colocou anjos em meu caminho. Muito obrigada!

Quero dedicar um sincero agradecimento à professora Sheila, por conduzir esse trabalho de maneira tão leve e inspiradora. Sua abordagem nos proporcionou uma experiência educacional única. Muito obrigada!

“(…) uma escola aberta à diversidade, onde se espera que as  
Minorias encontrem uma resposta às suas necessidades especiais, sem  
Prejudicar os outros, mas ao contrário, beneficiando todos os alunos,  
Pelo que traz de mudança e renovação e por todos os novos recursos e  
Serviços com que vai contar.”

(Jiménez, 1991)



## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar minhas impressões pessoais em vivências com Pessoas com Paralisia Cerebral, a fim de desconstruir preconceitos em relação às crianças com paralisia cerebral no ambiente escolar, ressaltando suas habilidades de desenvolvimento e aprendizado. A pesquisa se baseou em uma revisão bibliográfica aprofundada sobre a paralisia cerebral e seu impacto na esfera educacional, além de um relato de experiência de acompanhamento de uma aluna com paralisia cerebral ao longo de dois anos em uma escola... da cidade de Salvador-BA. Os resultados observados revelam os avanços na aluna e destacam a importância da capacitação dos profissionais envolvidos, uma vez que a falta de preparo pode influenciar significativamente o desenvolvimento do aluno com paralisia cerebral.

**Palavras- chave:** Paralisia cerebral; Escolarização; Preparo dos professores

## **ABSTRACT**

This work's main objective is to deconstruct prejudices regarding children with cerebral palsy in the school environment, highlighting their development and learning abilities. The research was based on an in-depth literature review on cerebral palsy and its impact on the educational sphere, in addition to an experience report of monitoring a student with cerebral palsy over two years. The results obtained reveal the advances observed in the student and highlight the importance of training the professionals involved, since a lack of preparation can significantly influence the development of students with cerebral palsy.

**Keywords:** Cerebral palsy; Schooling; Teacher preparation

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>12</b>
<b>DEFINIÇÕES DE PARALISIA CEREBRAL E OS DESAFIOS DA INCLUSÃO ESCOLAR .....</b>	<b>13</b>
<b>NECESSIDADES E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....</b>	<b>16</b>
<b>A IMPORTÂNCIA DA ESCOLARIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL.....</b>	<b>19</b>
<b>ATIVIDADES QUE ESTIMULAM A COMUNICAÇÃO NA ESCOLA.....</b>	<b>22</b>
<b>ATENDIMENTO A CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL: CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>27</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>30</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Como você faria, quanto ao processo de inclusão educacional, com uma criança que tem paralisia cerebral na sua sala de aula? Qual seria a sua contribuição para que ela existisse educacionalmente e fosse incluída? De acordo com Hagberg (1975), paralisia cerebral é definida por um prejuízo permanente do movimento ou postura do corpo que resulta de uma desordem encefálica não progressiva. Essa desordem pode ser causada por fatores hereditários ou eventos ocorridos durante a gravidez, parto, período neonatal ou durante os dois primeiros anos de vida. A paralisia cerebral não tem ligação com déficit mental, apesar de existirem limitações intelectuais.

Seria um equívoco atitudinal pensar que uma pessoa que tem paralisia cerebral tem o cérebro parado, muito pelo contrário, pessoas com essa deficiência são capazes de compreender e sentir tudo. Segundo Satow (2000, p.25), um dos principais preconceitos que o paralisado cerebral sofre é o de ser confundido com deficiente mental, por ter dificuldade de comunicação, descoordenação motora, movimentos involuntários, imagem bizarra pelo tônus muscular anormal, entre outras características, conforme a região do cérebro afetada.

A paralisia cerebral é consequência de uma lesão do cérebro e não da coluna vertebral, o que reforça, mais uma vez, que estaremos errados se pensarmos que uma pessoa com paralisia cerebral também tem deficiência mental. Importante salientar que, com o estímulo correto, crianças com paralisia cerebral se desenvolvem. Acompanhando uma criança com paralisia cerebral há dois anos, venho refletindo com questionamentos sobre o significado de uma verdadeira inclusão e o desenvolvimento que uma criança com paralisia cerebral pode adquirir em um ambiente escolar desde que bem amparada e assistida.

Nestes dois anos, estando perto de uma criança com paralisia cerebral com grau secundário a intercorrências do período neonatal, venho observando que, apesar das suas limitações, ela sempre é capaz de nos surpreender. Compreendo que é possível que uma criança, mesmo quando tem a especificidade de um diagnóstico de alta miopia, com restrição temporal esquerda, atraso psicomotor, devido a sequelas da paralisia cerebral, e ausência da fala, apenas usando o choro, expressões faciais e sons que interpretamos como “sim” e “não” como forma de comunicação, pode apresentar boa interação com o ambiente e na realização das atividades propostas.

Ademais, nas minhas experiências, entendi que crianças com esse diagnóstico, podem ser extremamente espertas e atentas a tudo que acontece no ambiente, o que necessita de

atividades adaptadas, para que a mesma possa realizar com êxito todas as atividades que são propostas, identificando todas as letras e os números, inclusive, seus preferidos, além de conseguir identificar algumas palavras. Compreendi que podem ser musicais e recorrem à música para se acalmar. Observando de perto, sempre me chama atenção o desenvolvimento diário.

Constato que a escola precisa deixar de ser uma fábrica de insucessos em relação a crianças com paralisia cerebral. Na maioria das vezes, o que tem levado as escolas a terem resultados opostos ao que deveriam, e, assim, deixado de desenvolver ensino e aprendizagem de crianças com paralisia cerebral é justamente a falta de preparo dos profissionais que nela trabalham, o que impõe barreiras pela falta de formação, conhecimento e informação, levando ao preconceito; também, a escassez de recursos financeiros para aplicar em recursos adequados para o desenvolvimento das crianças.

Buscando uma melhor compreensão na tentativa de refletir sobre o preconceito com relação a estudantes com paralisia cerebral nas escolas, o tema me instiga a apresentar esta pesquisa, que pretende discutir o desenvolvimento de uma criança com paralisia cerebral no ambiente escolar. Diante disso, os pontos que pretendi discutir foram: i) apresentar definições de paralisia cerebral; ii) discorrer sobre necessidades e desafios da educação inclusiva com crianças com paralisia cerebral; iii) problematizar a importância da escolarização de crianças com paralisia cerebral e iv) apresentar atividades que estimulam a comunicação de crianças com paralisia cerebral na escola. Desta forma, parto da minha experiência para trazer impressões e reflexões sobre o atendimento a crianças com paralisia cerebral. Para isso, apresento a seguinte questão problematizadora: A falta de conhecimento dos profissionais da educação sobre paralisia cerebral fomenta o preconceito e afeta a inclusão de pessoas com paralisia cerebral no ambiente escolar?

Justifico que acompanhar uma criança que tem paralisia cerebral causou em mim muito impacto, principalmente ao observar o seu desenvolvimento dia após dia. Antes, onde havia muito preconceito e dúvidas se realmente uma criança com PC (paralisia cerebral) poderia se desenvolver, apesar de tantas limitações, hoje existe o desejo de escrever sobre o quanto as pessoas com paralisia cerebral são capazes de se desenvolver, aprender e se comunicar. O impacto e a mudança que veio ao longo desses anos, acredito que possam ser disseminados, justificando o meu interesse na realização da pesquisa.

Apesar da lei de inclusão, ainda existe muita exclusão em nossa sociedade, principalmente para as pessoas que, logo em sua aparência, fogem do que a sociedade considera padrão ou diz que é “normal”. Uma criança com paralisia cerebral não tem o perfil

da norma, e muitas vezes, são olhadas com um olhar de pena e julgadas como se fossem incapazes. Diante disso, este projeto de pesquisa tem o objetivo de contribuir para a sociedade de maneira que mostre o quanto estamos equivocados ao pensar que crianças com paralisia cerebral não devem frequentar o ambiente escolar. Com este projeto, pretendo auxiliar na inclusão dessas crianças e, dessa forma, mostrar um outro olhar em relação a crianças com paralisia cerebral para a sociedade.

Para obtermos uma sociedade mais inclusiva e escolas adequadas para acolher crianças com paralisia cerebral, é essencial que existam profissionais capacitados. Diante dessa necessidade, escrever sobre o desenvolvimento de crianças com paralisia no ambiente escolar é muito importante para a academia, pois possibilita que futuros profissionais tenham acesso a esse trabalho e comecem a sua trajetória visualizando de uma outra maneira a paralisia cerebral. Esse projeto também alcança profissionais que já estão atuando, mas ainda possui muitas dúvidas em relação a essa deficiência e como atuar nas escolas. Acredito que falar sobre o desenvolvimento de crianças com paralisia cerebral no ambiente escolar é fundamental para a formação acadêmica, além de ser um assunto que nunca deixa de ser atual.

## **2 PERCURSO METODOLÓGICO**

A experiência “[...] é vivida antes de ser captada pelo pensamento, apreendida pela reflexão, caracterizada em seus componentes” (Breton; Alves, 2021, p.3), portanto, é ela “[...] o que desperta o poder de conhecer” (MENEZES, 2021, p.10). Em seu domínio ocorrem as aprendizagens (KASTRUP, 2008). Apesar de não ser a única ou exclusiva maneira para seu

atingir o conhecimento, não se “[...] pode aprender pela experiência do outro, a não ser que essa experiência seja revivida e tornada própria” (CAPOZZOLO et al, 2013)

De acordo com essas definições, farei um relato de experiência sobre o atendimento a uma criança que tem paralisia cerebral, no qual observarei como o desenvolvimento e o acolhimento podem estimular a interação de uma criança com os colegas e funcionários da escola, como os profissionais estão preparados para estarem ali e como lidam com tantas questões. Diante da minha compreensão do assunto também abordarei os preconceitos enfrentados por crianças que têm paralisia cerebral dentro do contexto escolar.

Esta pesquisa, de abordagem exploratória, também prevê como procedimento a pesquisa bibliográfica, ou seja, pesquisar as discussões apresentadas por outros autores sobre o tema que será abordado, para auxiliar e fundamentar teoricamente meu relato de experiência. A pesquisa bibliográfica, para Fonseca (2002), é realizada a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos Científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto, visando procurar referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher Informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Dessa forma, pesquisei artigos que falavam sobre paralisia cerebral, quais são os tipos e as causas. Além disso, li artigos que falavam sobre qual o grau que essa deficiência pode afetar o cérebro e o desenvolvimento, além de pesquisar sobre como os profissionais estão se capacitando para receber e como as escolas estão preparadas para acolher crianças com PC.

### **3 DEFINIÇÕES DE PARALISIA CEREBRAL E OS DESAFIOS DA INCLUSÃO ESCOLAR**

Segundo Little (1959), paralisia cerebral é uma desordem do movimento e da postura, persistente, porém variável, surgida nos primeiros anos de vida pela interferência no

desenvolvimento do Sistema Nervoso Central, causada por uma desordem cerebral não progressiva.

Para Barraquer Bordas et Al (1966), paralisia cerebral é a seqüela de uma agressão encefálica, que se caracteriza primordialmente por um transtorno persistente, porém não invariável, do tônus, da postura e do movimento, que surge na primeira infância e que não é somente secundária a esta lesão não evolutiva do encéfalo, mas se deve também à influência que a referida lesão exerce sobre a maturação neurológica.

Uma terceira definição que também aceita condições hereditárias no conceito de paralisia cerebral é a de Hagberg (1975), para quem a paralisia cerebral é definida por um prejuízo permanente do movimento ou da postura que resulta de uma desordem encefálica não progressiva. Esta desordem pode ser causada por fatores hereditários ou eventos ocorridos durante a gravidez, parto, período neonatal ou durante os dois primeiros anos de vida.

No Brasil, já existem condições legais para que a inclusão escolar ocorra, no entanto, a concretização do processo esbarra em muitas barreiras. Miles (2000) indica que, em diversas culturas e contextos, as barreiras para a inclusão escolar podem estar relacionadas às pessoas (professores, pais) direta ou indiretamente envolvidas, à ausência de recursos financeiros e materiais, à falta de conhecimento e informação e às características do próprio contexto (pobreza.).

A inclusão escolar não é apenas uma responsabilidade das leis e das escolas, mas também de toda a sociedade. É necessário um esforço conjunto para que as barreiras sejam superadas e para garantir que todas as crianças e jovens tenham acesso a uma educação de qualidade, independentemente de suas diferenças e desafios.

De acordo com (Kuester, 2000), atitude é uma variável-chave para determinar o sucesso da educação inclusiva. Atitudes negativas levam as pessoas a dizer: “Nós não temos...portanto nós não podemos fazer...” Contudo, se mudarmos isso dizendo: “Nós somos...portanto nós fazemos”, é possível transpormos a mais aparentemente insuperável das barreiras. Devemos usar o que temos em qualquer contexto em que estejamos trabalhando. Pessoas competentes são cheias de recursos. (MILES, 2000, p.13). No Brasil, existem muitas iniciativas e programas que buscam promover a inclusão escolar, porém, ainda há muito a ser feito. É fundamental que sejam investidos recursos e que os profissionais da educação recebam formação adequada, para que possam lidar de maneira efetiva com as demandas da inclusão. Também é necessário que a sociedade esteja consciente da importância da inclusão escolar e atue como agente de transformação, combatendo preconceitos e garantindo o pleno acesso de todos à educação.

Mantoan (2000) afirma que as barreiras relacionadas às atitudes negativas levam as pessoas a responderem desfavoravelmente à inclusão escolar. A capacitação de todos os educadores e o aprimoramento dos demais profissionais da escola, seja através de palestras abrangentes ou treinamentos específicos, são o ponto fundamental para a efetivação do processo inclusivo nas escolas (UNESCO, 1994).

Os professores devem ter conhecimento e habilidades necessárias para selecionar e adaptar o currículo e o método de ensino de acordo com as necessidades individuais dos estudantes (ERIC, 1993). Além de profissionais qualificados, a concretização da educação inclusiva demanda mudanças em múltiplos aspectos da escolarização. Dentre alterações ensejadas estão aquelas relacionadas aos prédios, à organização escolar, à filosofia da escola, às formas de avaliação e às atividades extracurriculares (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1996)

Ao começar este ano de 2023 acompanhando crianças com paralisia cerebral, tive uma experiência que ampliou minha perspectiva em relação a essa significativa população. Foi um novo desafio para mim, mas entendi o quão importante é acolher e ajudar, com atenção dedicada a explorar todo o potencial presente. Em troca desse esforço, tive a oportunidade valiosa de testemunhar o desenvolvimento dessas crianças ao longo do tempo.

A primeira percepção que os professores devem ter frente a um aluno com paralisia cerebral é a de que tem diante de si um aluno que deve ser ajudado, assim como todos os demais, aproveitando e explorando ao máximo suas potencialidades e promovendo o seu desenvolvimento. As necessidades especiais desses alunos devem ser vistas mais como um desafio do que como um obstáculo. (BRASIL, 1995)

Foi de extrema importância ter dedicado tempo para observar as crianças com atenção e estar aberta a descobrir suas preferências e o que as motivavam a prestar atenção nas aulas e realizar as atividades. Manter o coração aberto para tudo o que elas poderão nos oferecer é essencial. Enxergar suas capacidades e seu potencial é o alicerce para todas as conquistas que alcançamos juntos.

A efetivação de uma prática educacional inclusiva requer necessariamente que todos os professores e outros profissionais da educação sejam dotados tanto de materiais, instrumentos e referenciais teóricos e práticos, para que possam adaptar suas práticas pedagógicas para incluir o aluno portador de paralisia cerebral na escola regular, quanto de conhecimento sobre diferenças individuais e, acima de tudo, de capacidade para trabalhar com a diversidade, seja ela física, cognitiva ou social, dentro da escola. (CAVALCANTE, 2000; MARQUES, OLIVEIRA, SANTOS, 1998).

Apesar da inclusão do aluno com deficiência na escola regular ser hoje um direito legalmente garantido, muitos preconceitos ainda se fazem presentes na comunidade escolar, sendo ali reproduzidos da mesma maneira que o são na sociedade, ou seja, através da linguagem, de gestos, do olhar, de atitudes, da intolerância, da própria diferença (ITANI, 1998).

É lamentável constatar que muitas pessoas ainda carregam preconceitos em relação ao desenvolvimento e aprendizado de crianças com paralisia cerebral, julgando-as somente pela aparência e considerando-as incapazes. Durante todo o tempo em que estive dentro da escola, testemunhei olhares de desprezo voltados para a criança com paralisia cerebral. Infelizmente, essas pessoas demonstravam total falta de informação, e constantemente questionavam, tanto a mim quanto a si mesmas, sobre o motivo daquela criança estar presente ali, como se ela não tivesse o direito de pertencer ao ambiente escolar. Esses preconceitos decorrem da falta de conhecimento, como afirma Amaral (1994, p.18): “[...] o desconhecimento é a matéria prima para a perpetuação das atitudes preconceituosas e das leituras estereotipadas da deficiência- seja esse desconhecimento relativo ao fato em si, às emoções geradas ou às reações subsequentes.” O outro, o diferente, o deficiente, representa muitas e muitas coisas. Representa a consciência da própria imperfeição daquele que vê, espelha suas limitações, suas castrações (AMARAL, 1989, p. 10)

É triste constatar que ainda há muitas pessoas que têm preconceitos em relação ao desenvolvimento e aprendizado de crianças com paralisia cerebral, julgando-as somente pela aparência e subestimando suas habilidades. Ao acompanhar de perto uma criança com paralisia cerebral, pude presenciar os olhares de desprezo voltados para ela, mas também testemunhar seu progresso a cada semestre. Foi gratificante fazer parte dessa jornada e mostrar a todos na escola o quanto essa criança é incrivelmente capaz, apesar das suas limitações.

A pessoa com paralisia cerebral sofre por ser confundido com portador de deficiência mental, por ter dificuldade de comunicação, descoordenação motora, movimentos involuntários, imagem bizarra pelo tônus muscular anormal, entre outras, conforme a região do cérebro afetada. A paralisia Cerebral é a consequência de uma lesão do cérebro e não da coluna vertebral, o que reforça a falsa ideia de que todos os que portam esse tipo de deficiência são também portadores de deficiência mental. Além disso, existe uma parcela de paralisados cerebrais que, efetivamente, apresentam deficiência mental, o que reforçam o preconceito. No entanto, essa incidência é muito rara. (SATOW, 2000, p. 25.).

#### **4 NECESSIDADES E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Iniciei o acompanhamento de uma criança de 8 anos com paralisia cerebral. Ela vivia com os pais e frequentava a escola desde os 3 anos de idade. Recebia apoio de diversos profissionais, incluindo psicólogos, nutricionistas, fisioterapeutas e psicopedagogos. Em

2021, fui designado para acompanhá-la na escola, sem qualquer apoio por parte da família e nem da coordenação. A única informação que recebi foi que eu seria responsável por cuidar dela na escola e auxiliar em seu desenvolvimento. Apesar de pertencer a uma família de classe média alta, não recebi nenhuma informação sobre a criança. A escola, embora seja particular e localizada em um bairro nobre de Salvador, não possuía recursos para oferecer um acolhimento adequado a uma criança com paralisia cerebral. Após alguns meses, recebemos a visita da fisioterapeuta e da psicopedagoga, que compartilharam informações valiosas sobre o aluno e nos deram orientações sobre como lidar com suas necessidades específicas. A professora da sala também foi extremamente gentil e se prontificou a trabalhar em equipe, oferecendo apoio mútuo e ajudando a esclarecer dúvidas durante as atividades e o planejamento das aulas. A educação do aluno com paralisia Cerebral, terá de ser sempre um trabalho de equipe [...] em que os diversos profissionais envolvidos comentem e discutam seus objetivos e seus planos.

Consultoria colaborativa escolar é definida como a interação na qual pessoas da escola e Famílias conferem, consultam, e colaboram como um “time” para identificar necessidades de aprendizagem e comportamento, além de planejar, implementar, avaliar e revisar como as necessidades dos programas educacionais podem servir aqueles que necessitam (GATELY & GATELY, 2001).

As pessoas com paralisia cerebral não possuem um cérebro inativo; elas têm capacidade de pensar, agir e se desenvolver, mesmo com suas limitações. Percebi cada vez mais a importância do preparo profissional para contribuir no desenvolvimento dos alunos com paralisia cerebral dentro do ambiente escolar. À medida que observava as atividades realizadas e o progresso alcançado, ficava claro para mim a necessidade de contar com profissionais capacitados para explorar ao máximo o potencial desses alunos.

Para Mantoan (2003), os sistemas escolares estão montados a partir de um pensamento que recorta a realidade, que permite dividir os alunos em normais e deficientes, as modalidades de ensino em regular e especial, os professores em especialistas nesta e naquela manifestação das diferenças. A logística dessa organização é marcada por uma visão determinista, mecanicista, formalista, reducionista, própria do pensamento científico moderno, que ignora o subjetivo, o afetivo, o criador, sem os quais não conseguimos romper com o velho modelo escolar para produzir a reviravolta que a inclusão impõe. Se a escola pretende ser inclusiva, é importante que os planos sejam voltados para uma educação livre de preconceitos e que valorize as diferenças.

Para acolher crianças com paralisia cerebral, precisamos ter mente aberta para estimular seu aprendizado e promover mudanças na instituição. Na escola em que acompanhei a criança, percebi que as instalações não eram adaptadas para atendê-la adequadamente, e muitos funcionários também não estavam preparados para lidar com suas necessidades. Morin (2001) afirma que para reformar a instituição, temos que reformar as mentes, mas não se pode reformar as mentes sem uma prévia reforma das instituições.

A integração tem como objetivo inserir o aluno, ou um grupo de alunos, que já foi anteriormente excluído, a inclusão é não deixar ninguém no exterior do ensino regular, desde o começo da vida escolar. A inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. (Mantoan, 1999).

No artigo 206, inciso I da Constituição Federal, 1988, fica estabelecida a garantia da igualdade de oportunidades no acesso e na permanência na escola. Isso significa que a Constituição Federal assegura o direito à educação para todos, permitindo que cada indivíduo alcance seu pleno desenvolvimento humano.

Para haver a inclusão nas escolas, segundo Mantoan (1999) É indispensável que os estabelecimentos de ensino eliminem barreiras arquitetônicas e adotem práticas de ensino adequadas às diferenças dos alunos em geral, oferecendo alternativas que contemplem a diversidade, além de recursos de ensino e equipamentos especializados que atendam a todas as necessidades educacionais dos educandos, com deficiências, mas sem discriminação. Todos os níveis dos cursos de formação de professores devem sofrer modificações nos seus currículos, de modo que os futuros professores aprendam práticas de ensino adequadas às diferenças.

É preciso reconhecer que indivíduos com necessidades educacionais especiais precisam de modificações no ambiente, no recurso ou na estratégia para poder aprender. A não modificação impedirá que o aluno aprenda mesmo que ele estude com o professor mais qualificado da escola. De modo geral, a educação inclusiva tem enfatizado cada vez mais o princípio de que os professores não devem trabalhar sozinhos, mas, sim, em equipes, compostas por um grupo de indivíduos cujas propostas ou funções são derivadas de uma filosofia comum e alcance de objetivos mútuos, que seria melhorar a escolarização para todos os alunos (GARGIULO, 2003).

A escola, com sua abundância de escadas, tornou-se um obstáculo arquitetônico que impedia o aluno com paralisia cerebral de circular por todos os ambientes da escola,

causando-lhe estresse. Como ele possuía uma grande afinidade com a música, um tablet disponibilizado pela escola ajudava a acalmá-lo ao reproduzir músicas. No entanto, o aplicativo que poderia auxiliar na comunicação e no desenvolvimento da criança não estava instalado no tablet, o que me levava a questionar constantemente a questão da interação e inclusão.

A jornada educacional de cada aluno é fundamental para seu crescimento e desenvolvimento acadêmico. No entanto, para o aluno em questão, a jornada é obstaculizada por um problema que parece persistir: as escadas. Essa configuração física na escola o impede de participar plenamente de aulas extras e dos intervalos, já que sua sala de aula está sempre localizada no andar inferior. Surpreendentemente, mesmo após inúmeras reclamações dos colegas, a direção permaneceu inerte, não tomando nenhuma providência para solucionar a situação, seja construindo rampas ou instalando um elevador.

Além das escadas, outro desafio que pude observar foi o despreparo dos profissionais da escola para lidar com crianças que têm paralisia cerebral. Infelizmente, a escola não investia em capacitar seus profissionais nesse aspecto. Os temas relacionados à inclusão nunca eram abordados nos núcleos de estudos, mesmo tendo crianças com necessidades especiais na escola. Como resultado, os professores, muitas vezes, se sentiam perdidos na hora de ensinar essas crianças e também em relação ao desenvolvimento que deveriam esperar delas.

Além disso, como estagiária, eu mesma não recebi nenhum tipo de preparação ou treinamento específico para acompanhar uma criança com paralisia cerebral, nem para entender o desenvolvimento dela. Isso me deixava insegura e desamparada diante dos desafios que surgiam no dia a dia. Era evidente que havia uma lacuna no sistema educacional, pois tanto eu quanto os outros profissionais envolvidos não estávamos devidamente capacitados para lidar com a inclusão dessas crianças.

Segundo Mantoan (2003), para incluir, é necessário melhorar as condições da escola, de modo que nela se possa formar gerações mais preparadas para viver a vida na sua plenitude, livremente, sem preconceitos, sem barreiras. A inclusão é um motivo a mais para que a educação se atualize, para que os professores aperfeiçoem as suas práticas e para que escolas públicas e particulares se obriguem a um esforço de modernização e de reestruturação de suas condições atuais, a fim de responderem às necessidades de cada um de seus alunos, em suas especificidades, sem cair nas malhas da educação especial e de suas modalidades de exclusão.

## **5 A IMPORTÂNCIA DA ESCOLARIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL**

Vygotsky (1983), ao estudar os processos do desenvolvimento cognitivo de crianças com deficiências físicas, chegou à conclusão de que seus princípios fundamentais são semelhantes aos das crianças sem deficiências e as limitações que aquelas sofrem motivam uma •super compensação• que as estimulam a alcançar seus objetivos. Para o autor, a super compensação pode explicar o Fato de que crianças com paralisia cerebral, apesar de suas dificuldades físicas e motoras, podem apresentar um desenvolvimento cognitivo semelhante ao de crianças sem deficiências (vygotsky, 1983,).

De acordo com Macedo (2006, p.1), o conceito de escolarização está relacionado à ação ou efeito de sujeitar-se ao ensino escolar. Devido às demandas, principalmente de acessibilidade, a escolarização de alunos com paralisia cerebral é atravessada por desafios e, em geral, o foco é, frequentemente, o cuidado, a assistência ligada à higiene e à reabilitação, sobrepondo o desempenho em atividades acadêmicas (Mendes & Lourenço, 2012).

Pude constatar a importância da escolarização de crianças com paralisia cerebral, indo além do cuidado básico. Com estímulos adequados, podemos obter respostas positivas em termos de desenvolvimento e aprendizado. Realizar atividades de múltipla escolha, respeitando as limitações da criança, e oferecendo duas ou três opções para que ela faça sua escolha correta, reservando um tempo para explicar os assuntos de maneira simples e detalhada, sempre encorajando-a e demonstrando o quanto ela é capaz, são algumas das abordagens que a ajudaram a aprender todas as letras do alfabeto, números, a formar sílabas, identificar cores e até mesmo aprender os nomes das cores em inglês.

Além do aprendizado, era perceptível que a criança possuía um alto nível de desenvolvimento e perspicácia. A escola desempenhou um papel crucial nesse aspecto. O aluno conseguia prestar atenção aos colegas e acompanhar o que era dito pela professora em sala de aula, além de entregar os resultados esperados nas atividades propostas. A escolarização contribuiu significativamente para o seu desenvolvimento intelectual.

Observando de perto o desenvolvimento do aluno, é notável que em grande parte se deve ao ambiente escolar. Na escola, a criança com paralisia cerebral tem a oportunidade de

interagir com outras crianças, compartilhar risadas e momentos de choro, e é cada dia mais perceptível o seu progresso.

O aluno demonstrou um notável avanço em seu aprendizado na escola, adquirindo conhecimentos em operações matemáticas, números, cores, além de desenvolver uma rotina diária e habilidades sociais ao conviver com outras crianças. Esses aspectos contribuíram para que eu me surpreendesse cada dia mais com o seu progresso escolar.

A escolarização de alunos com paralisia cerebral apresenta muitos desafios devido à falta de acessibilidade e de metodologias adequadas para a inclusão. Esse grupo de alunos é muito diverso em suas características, por isso, é relevante compreender o panorama nacional sobre a escolarização desse grupo, observar quais estratégias pedagógicas estão sendo utilizadas, quais são os profissionais e como estão atuando.

Almeida (2018) aponta que o uso de dispositivos de tecnologia assistiva e demais adaptações podem impactar, positivamente, o processo de aprendizado de alunos com paralisia cerebral. Isso indica que a inclusão escolar com melhores condições de participação dos alunos com paralisia cerebral pode ser dependente dos recursos ofertados, da organização do contexto escolar em si e da própria ação didática do professor.

Durante as visitas da psicopedagoga na escola, acompanhei atentamente para compreender o processo correto que eu deveria seguir ao trabalhar com a criança. Durante uma dessas visitas, a psicopedagoga discutiu como poderíamos aproveitar a tecnologia a nosso favor, e apresentou algumas plataformas digitais que poderiam auxiliar no processo de aprendizagem do aluno. Decidimos incluir jogos tecnológicos em nosso planejamento, pois percebemos que eles poderiam proporcionar momentos de aprendizado divertidos para o aluno.

De acordo com Vygotsky (2007), os jogos propiciam o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da atenção. O jogo digital pode ser desenvolvido de acordo com as necessidades da criança, adequando-se a cada meio e aos poucos se tornando um novo caminho para a aquisição da linguagem e o desenvolvimento da comunicação.

Introduzimos vários jogos no nosso trabalho, abordando assuntos como separação de sílabas, formação de palavras, reconhecimento de vogais, higiene pessoal e até mesmo jogos matemáticos. Esses jogos eram coloridos, tinham sons envolventes e animações cativantes, o que sempre chamava a atenção do aluno e o mantinha engajado na atividade. A tecnologia se tornou uma aliada fundamental nesse processo de aprendizagem.

Os recursos tecnológicos podem oferecer possibilidades lúdicas e serem instrumentos mediadores entre a criança e o mundo real. A informática apresenta a possibilidade de

trabalhar com esses elementos, em especial, com a criança com Paralisia Cerebral sem oralidade. Este recurso ainda apresenta a possibilidade da comunicação alternativa, podendo levar a uma interação mais satisfatória com o mundo, favorecendo expressões significativas de pensamento, que, por comprometimentos motores a sua linguagem oral (fala) e linguagem gráfica (escrita), encontram-se prejudicadas, mas a sua linguagem interna, isto é, os seus pensamentos, ideias, sentimentos e desejos encontram-se em processo de construção (OLIVEIRA, 1998).

A comunicação sempre representou o maior desafio, uma vez que a criança se expressava apenas por meio de sons que interpretávamos como “sim” e “não”. Todas as questões ficavam restritas a essas respostas, exigindo que nos conscientizássemos para formular perguntas que se enquadrassem nas únicas respostas que poderiam ser fornecidas: “sim” ou “não”.

A comunicação é importante e necessária para a interação social. É por meio dela que o indivíduo interage com os outros e troca informações com o ambiente sociocultural. Contudo, uma das barreiras para o processo de comunicação é a ausência da fala para expressar-se oralmente com o meio (SAMESHIMA, 2006)

Conforme Millikin (1996, apud SAMESHIMA, 2006), uma mensagem pode ser classificada como verbal (apresenta um código linguístico), não verbal (transmite mensagens sem empregar um código linguístico estruturado), vocal (produção de som) e não vocal (não envolve produção de som).

Frequentemente, a criança encontrava no choro uma forma de expressar seus sentimentos, demonstrando tristeza ou descontentamento. Já por meio do sorriso, ela expressava aprovação e felicidade. Seu humor também podia ser identificado pelo choro e sorriso, permitindo-nos perceber se algo a deixava irritada ou feliz. Quando ela não queria interagir com ninguém, abaixava a cabeça, indicando que preferia ficar sozinha e refletir. Nessas ocasiões, eu iniciava uma conversa com ela, restringindo-nos às opções de “sim” e “não” para compreender seus sentimentos e, talvez, conseguir alterá-los.

Muitas vezes, o *tablet* se tornou nosso refúgio, especialmente quando não conseguíamos a compreender com base em seus choros. A música e os vídeos se tornaram nossos aliados para acalmá-la. Buscar recursos que nos auxiliassem nesse processo de escolarização foi fundamental para obtermos bons resultados.

Por muito tempo, a comunicação foi intermediada por mim, pois os outros funcionários, por não saberem como se comunicar com ela, se direcionavam a mim para perguntar sobre coisas que poderiam perguntar diretamente para ela. (Moreira; Chun, 1997)

salienta-se a necessidade de reconhecimento e incentivo de meios “não-usuais” de comunicação. Pelosi (2008) enfatiza que tal “recomendação” deve ser seguida, caso se pretenda, de fato, oferecer oportunidades educativas a essa população. Do contrário, o processo torna-se inviável porque obstaculizada fica a relação/interação com esses alunos.

A comunicação desempenhou um papel fundamental em todo o processo de escolarização da criança. Sem ser capaz de nos comunicar e entender um ao outro, não poderíamos alcançar um resultado positivo. Felizmente, o aluno demonstrou uma incrível facilidade de aprendizado e compreendia perfeitamente tudo o que lhe era ensinado. Foi gratificante testemunhar o seu desenvolvimento diário. No entanto, observar os sinais que ele emitia e compreendê-los tornaram-se aspectos essenciais para que o seu progresso escolar ocorresse. A comunicação é realmente parte integrante do processo de escolarização.

A comunicação alternativa (CA) é considerada uma das áreas da Tecnologia Assistiva (TA) cujo objetivo é promover e ampliar habilidades de pessoas com limitações “funcionais” decorrentes de deficiências diversas e mesmo advindas da idade avançada (NUNES, 2011). Definida pela ASHA (2005) enquanto área de pesquisa e de prática clínica e educacional, a CA visa a compensar e facilitar de forma temporária ou permanente as limitações e os padrões de inabilidade de indivíduos com transtornos expressivos e/ou de compreensão da linguagem falada. **6 ATIVIDADES QUE ESTIMULAM A COMUNICAÇÃO NA ESCOLA**

Após um período de tempo, a psicopedagoga da criança desenvolveu uma prancha de comunicação alternativa e sugeriu que ela fosse utilizada na escola. Decidi imediatamente experimentá-la com a criança, mas encontrei várias dificuldades, já que não recebi orientações nem da psicopedagoga nem da escola. No entanto, por conhecer a criança, fui adaptando formas de usar a prancha para melhorar a comunicação dela não só comigo, mas também com os outros funcionários. A prancha oferece a possibilidade de o aluno expressar seus sentimentos, suas preferências para as atividades escolares e frases de gentileza, como "bom dia", "boa tarde", "boa noite", "obrigada" e "desculpa".

Segundo Pelosi (2008, p.41): nos sistemas simbólicos não apoiados o aluno utiliza apenas o seu corpo para se comunicar. Esses sistemas incluem os gestos, os sinais manuais, as vocalizações e as expressões faciais. Já, os sistemas simbólicos apoiados requerem instrumentos além do corpo do aluno para produzir uma mensagem. Esses sistemas simbólicos podem ser simples, de baixa tecnologia, como os objetos concretos e símbolos gráficos organizados em pranchas de comunicação ou de alta tecnologia quando incluem os

sistemas simbólicos apresentados em comunicadores pessoais ou computadores. E/ou escrita. Ela compreende um conjunto de métodos e técnicas ditos com ou sem ajuda.

Para Pelosi (2011, p.126), [...] os recursos são dispositivos utilizados para transmitir as mensagens, e podem ser eletrônicos ou não eletrônicos como pranchas de comunicação em papel, comunicadores, tablets ou computadores; as estratégias compreendem o modo como os recursos da Comunicação Alternativa são empregados, e a técnica é a forma como o usuário de CA fará a seleção dos símbolos. As técnicas incluem o acesso direto pelo apontar ou olhar e os sistemas de varredura [os quais] compreendem o apontamento pelo parceiro de comunicação, ou pelo computador, do conjunto de símbolos do usuário. O usuário, por sua vez, seleciona o símbolo desejado através de um sinal afirmativo como, por exemplo, um movimento de cabeça. Quando a varredura é realizada pelo computador, o usuário seleciona o símbolo desejado pressionando um acionador acoplado ao seu computador.

Gradualmente, nos adaptamos ao uso da comunicação assistiva, o que resultou em uma significativa melhora na comunicação com ela. Percebi uma transformação positiva, uma vez que a criança começou a expressar seus próprios sentimentos e desejos, utilizando a prancha como meio de comunicação. Essa nova forma de interação permitiu que seus colegas e funcionários se comunicassem diretamente com ela, sem a necessidade de minha mediação. Essa conquista é fundamental para que o aluno se sinta mais independente e integrado ao ambiente escolar. Os colegas, curiosos com essa nova possibilidade, testaram a prancha com ele e, mesmo que a comunicação tenha sido breve, foi bastante efetiva. Foi nesse momento que percebi a importância da comunicação assistiva para crianças com dificuldades na oralidade. Com a comunicação assistiva se tornando a principal fonte de interação entre professores e alunos, ela desempenhou um papel fundamental na promoção da interação e do aprendizado.

A sua falta de oralidade a impediu, dentro da escola, por muito tempo, de participar de várias atividades e aulas. Muitas atividades propostas pelos professores não eram adaptadas para uma criança que tem paralisia cerebral e que não se comunicava oralmente. Em muitas dessas atividades, eu a ajudava a realizar, mas em sua maioria não era possível porque eram atividades que eu não conseguia adaptar.

A comunicação assistiva desempenhou um papel crucial ao auxiliar nas atividades em que o aluno tinha dificuldade de participar. Ter um aluno na sala de aula que não se comunica oralmente pode ser um desafio, pois grande parte da interação se baseia na comunicação oral.

Para aprimorar minha experiência, dediquei-me à criação de um jogo matemático com o propósito de incentivar o aprendizado de soma e subtração. Este jogo foi especialmente

projetado para atender tanto a crianças típicas como atípicas, tendo sido idealizado principalmente para crianças com paralisia cerebral. Ao acompanhar o aluno durante todo esse tempo, pensei cuidadosamente na cor exata, no design e em como seria aplicado, bem como nas formas que mais o instigariam a jogar. Meu objetivo principal era proporcionar um aprendizado lúdico e prazeroso.

O objetivo ao conceber esse jogo foi fomentar a interação e a troca de experiências entre crianças com e sem necessidades específicas. Busquei criar um cenário em que todos os alunos pudessem se reunir, se divertir e estabelecer relações harmoniosas, respeitando as particularidades individuais.

No sentido de melhoria para o processo de ensino e de aprendizagem da Matemática, buscam-se metodologias de ensino que realmente sejam significativas para os estudantes, que os envolvam no processo de construção do conhecimento, em que “[...] seja possível ao aluno estabelecer um sistema de relações entre a prática vivenciada e a construção e estruturação do vivido, produzindo conhecimento” (GRANDO, 2000, p.13).

Grando (1995, p.30) enfatiza que “Etimologicamente a palavra JOGO vem do latim *locu*, que significa facejo, zombaria e que foi empregada no lugar de *ludu*: brinquedo, jogo, divertimento, passatempo”. Dessa forma, entende-se que jogo seria uma atividade que causa algum divertimento, que serve para passar o tempo. Mas sabe-se que essa atividade pode ir além disso.

O jogo pode ser utilizado como uma forma de entretenimento e de socialização, mas também pode ter como finalidade ou mesmo consequência o desenvolvimento de habilidades e de conceitos, uma vez que sua utilização pode ser um facilitador no processo de ensino e de aprendizagem. A autora ainda ressalta que “[...] a busca pela definição poderia limitar seu próprio conceito”(GRANDO, 1995, p.33).

De acordo com Miorim e Fiorentini (1990, p.7), os jogos “[...] podem vir no início de um novo conteúdo com a finalidade de despertar o interesse da criança ou no final com o intuito de fixar a aprendizagem e reforçar o desenvolvimento de atitudes e habilidades”. Dessa forma, o jogo pode ser utilizado como um facilitador para a aprendizagem, com diversas possibilidades, como a construção de conceitos e a memorização de processos, pois a sua repetição pode ser mais agradável do que a resolução de uma extensa lista de exercícios.

Segundo Grando (1995, p.34) “[...] não existe jogo se não há regras (verdade inabalável). E estas regras devem ser respeitadas pelos jogadores. Aquele que ignora ou desrespeita as regras, destrói o jogo e é expulso, pois ameaça a existência da comunidade dos jogadores”.

O jogo que criei se chama "Dominó Matemático", e foi totalmente adaptado para atender às condições da criança. Ele possui o formato de uma maleta, com cores cinza e laranja, escolhidas especialmente porque são suas cores favoritas. Foi construído utilizando materiais recicláveis, como papelão, e foi plastificado com durex para maior durabilidade [ FIGURA 1]:



Para garantir maior acessibilidade, foi adicionado velcro de maneira estratégica no jogo. O "Dominó Matemático" foca nas operações de soma e subtração [ FIGURA 2]



. No início do jogo, o jogador sorteia seis pedras de dominó e as cola nos espaços indicados pelo velcro. Em seguida, o jogador sorteia seis sinais matemáticos, que podem ser de adição ou subtração, e também os coloca nos locais indicados.

O objetivo do jogo é somar ou subtrair os pontos das peças de dominó de forma correta e colar o resultado no espaço apropriado. Ao final de cada jogada, o jogador soma todos os resultados obtidos e verifica quantos pontos acumulou. A quantidade de pontos será convertida em cédulas de dinheiro fictício. O jogo é jogado por turnos, e o vencedor é aquele que acumular o maior número de cédulas de dinheiro ao final.

Percebi que a proposta apresentada se desdobrava em grande entusiasmo pelo jogo e a criança sempre se diverte muito ao jogá-lo. O jogo possibilita que crianças com diferentes características possam jogar juntas, o que não só contribui para o aprendizado, mas também para a socialização. É muito cativante observar as crianças se divertindo e interagindo umas com as outras durante o jogo. Os adultos também tiveram uma participação ativa, com muitos pais e professores gostando muito de participar. Com isso, desejo mostrar que é plenamente possível incluir alunos com paralisia cerebral em todos os ambientes escolares, permitindo que eles joguem e interajam com seus colegas de classe.

Para promover a inclusão de qualquer aluno com PC em todas as atividades pedagógicas, penso que vai além de utilizar apenas o dominó matemático, por isso, implementei diversas estratégias. Uma delas foi oferecer momentos de leitura no espaço cultural. Observar o interesse de aluno com PC e se utilizar disso como ferramenta didática para favorecer a inclusão. Um dos recursos que utilizei foi a contação de histórias.

Durante a leitura, propus que a criança participasse de acordo com suas possibilidades e limitações. Eu me posicionava na frente da turma e lia o texto em voz alta enquanto ela acompanhava visualmente. Mesmo sem oralizar, percebi que ela conseguia fazer leitura visual, o que foi uma descoberta incrível.

Conforme a leitura avançava, o aluno expressava sua alegria através de risadas e gritos de felicidade, envolvendo não apenas a ele mesmo, mas também a todos os colegas da turma. Essa participação ativa contribui para fortalecer seu senso de pertencimento e sua conexão com os demais.

Essas atividades pedagógicas inclusivas não apenas beneficiaram o aluno com paralisia cerebral, mas também proporcionaram um ambiente de aprendizado mais rico e acolhedor para todos os envolvidos. Através dessa experiência, aprendi a importância de adaptar as estratégias de ensino para atender às necessidades individuais de cada aluno, incentivando sua participação e promovendo a inclusão em sala de aula.

A pedagogia inclusiva, a pedagogia da diversidade e a pedagogia diferenciada representam, em termos globais, um mesmo corpo teórico de conhecimentos na medida em que contestam a uniformidade dos métodos, dos conteúdos, dos ritmos de progressão, de didáticas e de práticas pedagógicas e organizacionais. Defendem que, para as mesmas aprendizagens, os alunos poderão fazer Percursos diversificados de acordo com um perfil evolutivo próprio e um contexto Individualizado (Leitão, 2007, p.229).

Além das atividades que ocorriam no espaço cultural, tive a oportunidade de acompanhar o aluno durante as aulas de eucaristia. Em todas as situações em que estávamos juntos, fazia questão de incluí-lo plenamente no ambiente. No início, alguns alunos demonstravam resistência em formar grupos com ele e convidá-lo para participar das dinâmicas. Mas, como já o conhecia e reconhecia suas capacidades, sempre encorajava os outros alunos a valorizarem o aluno e a perceberem que ele era tão parte daquele ambiente quanto todos os demais.

Ao final desse período, pude notar que todos os demais alunos já reconheciam o aluno com paralisia cerebral como integrante daquele espaço. Eles o chamavam para se juntar aos grupos e ele, a cada dia, se sentia mais inserido naquele ambiente, contribuindo para um melhor desenvolvimento não apenas para si mesmo, mas também para todos os outros alunos que compartilhavam aquele espaço com ele. Como costume dizer, as pessoas aprendem mais convivendo com crianças com paralisia cerebral do que ela aprende com as pessoas.

A Educação Especial já não se concebe como a educação de um tipo de aluno, mas como o conjunto de recursos pessoais e materiais postos à disposição do sistema educativo para que este possa responder adequadamente às necessidades que de forma transitória ou permanente possam apresentar alguns alunos dos alunos”.(Jiménez, 1991)

## **7 ATENDIMENTO A CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL: CONSIDERAÇÕES**

Segundo Silva et al. (2012), embasado nos parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), adaptações curriculares, de 1998, a deficiência física refere-se à diversidade de condições relacionadas à modalidade, à coordenação motora geral ou da fala, “como decorrência de lesões neurológicas, neuromuscular e ortopédicas, ou ainda, de malformações congênicas ou adquiridas. (Silva et al., 2012, p. 34). Nesse grupo entra a paralisia cerebral.

A falta de investimento da escola na capacitação dos professores, estagiários e funcionários resultava em despreparo para acolher uma criança com paralisia cerebral. Muitos professores só viam a importância da socialização, mas como eu passava a maior parte do tempo com a criança, realizando todas as atividades e acompanhando de perto seu desenvolvimento, coube a mim mostrar a todos na escola que o aluno era capaz de ir além do que esperavam. O propósito da escola ia além da socialização para o aluno com paralisia cerebral, envolvendo também aprendizado e desenvolvimento.

Apesar de a ação educacional estar respaldada nas leis e apresentar grandes avanços, a inclusão é um processo que apresenta inúmeras dificuldades, sendo um grande desafio a ser superado por todos aqueles que nele estão envolvidos (Mendes, 2006).

Segundo Enunmo (2095), pesquisas mostram que os alunos com algum tipo de deficiência encontram-se incluídos apenas fisicamente no ambiente escolar. Muitas escolas não acreditam no desenvolvimento de crianças com deficiência. De acordo com Barbosa (2006) muitos professores consideram a inclusão escolar mais como uma possibilidade de socialização do que do real desenvolvimento cognitivo dessas crianças.

A instituição contava com funcionários, professores e estagiários cuidadosos, embora alguns colaboradores não acreditassem no desenvolvimento da criança, eles sempre a acolhiam de forma calorosa. Eu sempre fazia questão de enfatizar que ela ouvia e entendia tudo ao seu redor, e a cercava com amor e atenção. Na verdade, esse foi o ponto de partida para iniciar seu desenvolvimento. Um ambiente onde a criança se sente segura, acolhida e amada é ideal para promover seu crescimento. De acordo com Silverira e Neves (2006) o

medo dos pais sobre a entrada e permanência da criança com deficiência na escola comum está relacionado ao despreparo das escolas em lidar com o seu filho.

Era de suma importância que fosse adquirido conhecimento sobre as necessidades específicas do aluno com paralisia cerebral, dadas suas circunstâncias. Ele não possuía habilidades de fala e se comunicava somente por meio de sons que nós interpretávamos como "sim" e "não", assim como através do choro. Acredito que, ao compreender suas necessidades, os professores poderiam desempenhar um papel ainda mais significativo em seu desenvolvimento.

A instituição educacional tem a responsabilidade de oferecer programas de capacitação, palestras e encontros que visem preparar seus colaboradores para lidar com crianças que possuem paralisia cerebral. A falta de conhecimento e preparo tem sido um dos maiores desafios enfrentados por todos os envolvidos. A escola poderia se tornar mais inclusiva ao investir em ações de formação profissional.

Enfrentamos inúmeros desafios ao longo desse processo, e um deles foi a ausência de suporte por parte da escola, que não priorizava o aprimoramento dos conhecimentos de seus funcionários. Além disso, não reconhecia o potencial do aluno e não se esforçava para compreendê-lo em sua totalidade. Como alguém que acompanhou de perto esse aluno, assumi a responsabilidade de demonstrar sua capacidade e reforçar o fato de que ele tinha o direito de pertencer àquele ambiente escolar.

Souza (2005) mostra que são poucos os professores que apresentam resistência em receber o aluno com deficiência. Há, no entanto, o despreparo desses educadores para lidar com essas crianças e desconhecimento de suas necessidades específicas.

Para garantir o melhor desenvolvimento e aprendizado dos alunos, é essencial estabelecer uma colaboração efetiva entre a direção da escola, os funcionários e as famílias. Juntos, devemos enfrentar os desafios e superar obstáculos para alcançar um progresso significativo. É fundamental que todos contribuam em harmonia, desempenhando seus respectivos papéis da melhor maneira possível. Através dessa parceria conjunta, podemos criar um ambiente propício para o crescimento e sucesso dos estudantes.

## 8. CONCLUSÃO

Ao finalizar esse processo de reflexão, conclui-se que é fundamental priorizar a capacitação dos profissionais, promover a inclusão e estabelecer uma colaboração sólida entre escola, funcionários e famílias. Ao enfrentarmos juntos os desafios, podemos oferecer um ambiente educacional mais acolhedor e propício ao desenvolvimento pleno de todos os alunos. Compreender e valorizar as necessidades individuais e garantir o respeito e apoio mútuo são elementos-chave para alcançar um melhor desempenho e sucesso educacional. É através dessa união e comprometimento que podemos construir uma educação mais inclusiva e significativa para todos.

É crucial reconhecer a incrível capacidade dos alunos com paralisia cerebral de estarem presentes e se integrarem em salas de aula com crianças sem deficiências. Devemos demonstrar empatia e acolhimento, sempre enfatizando sua capacidade e mostrando nossa confiança em seu desenvolvimento e aprendizado. Capacitar os funcionários da escola e promover discussões sobre inclusão são medidas essenciais que as instituições de ensino devem adotar.

Durante minha experiência de acompanhamento, pude observar que crianças com essa deficiência são capazes de aprender e adquirir conhecimentos mesmo sem usar a fala como recurso. É fundamental que os profissionais envolvidos sejam sensíveis e estejam preparados para acompanhar de forma adequada a jornada educacional de crianças com paralisia cerebral.

## REFERÊNCIAS

SILVA, Daniela Baleroni Rodrigues; MARTINEZ, Cláudia Maria Simões; SANTOS, Jair Licio Ferreira. Participação de crianças com paralisia cerebral nos ambientes da escola. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 18, p. 33-52, 2012.

MELO, Francisco Ricardo Lins Vieira de; MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. Acolhendo e atuando com alunos que apresentam paralisia cerebral na classe regular: a organização da escola. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 13, p. 111-130, 2007. ARAUJO, Denize Arouca; LIMA, Elenice Dias Ribeiro de Paula. Dificuldades enfrentadas pelo cuidador na inclusão escolar de crianças com paralisia cerebral. *Educação em Revista*, v. 27, n. 03, p. 281-303, 2011.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli. Inclusão escolar: o que é. **Por quê**, v. 12, 2003.

ARAÚJO, Cristiane Monte de et al. O processo de avaliação pedagógica do discente acometido de paralisia cerebral: uma revisão da literatura. 2019.

CHAER, Mirella Ribeiro; GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim. A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. **Pergaminho-Centro Universitário de Patos de Minas**,(3), v. 71, p. 88, 2012.

MOURA, Manoel Oriosvaldo de. A séria busca no jogo: do lúdico na matemática. **Educação Matemática em Revista**, v. 2, n. 3, p. 17-24, 1994.

SILVA, Rafael Luiz Morais da et al. Efeitos da comunicação alternativa na interação professor-aluno com paralisia cerebral não-falante. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 19, n. 01, p. 25-42, 2013.

MELO, Francisco Ricardo Lins Vieira de; MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. Acolhendo e atuando com alunos que apresentam paralisia cerebral na classe regular: a organização da escola. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 13, p. 111-130, 2007.

PINTO, Milena Maria; GONZAGA, Mariana Viana; LOURENÇO, Gerusa Ferreira. escolarização de Pessoas com PARALISIA cereBRAL: uma revisão sistemática na literaturA nAcionAl. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 28, 2022.

ARAUJO, Denize Arouca; LIMA, Elenice Dias Ribeiro de Paula. Dificuldades enfrentadas pelo cuidador na inclusão escolar de crianças com paralisia cerebral. **Educação em Revista**, v. 27, n. 03, p. 281-303, 2011.

MARTINS, Catarina; LEITÃO, Letícia. O aluno com paralisia cerebral em contexto educativo: diferenciação de metodologias e estratégias. **Millenium-Journal of Education, Technologies, and Health**, n. 42, p. 59-66, 2016.

BALTAZAR, Susana Maria Pita. **A inclusão de crianças com paralisia cerebral em contexto educativo: percepções dos docentes do ensino regular, ensino especial e atividades de enriquecimento curricular**. 2013. Tese de Doutorado.

FERREIRA, Maria Inês de Jesus. **Tecnologia assistiva para crianças com Paralisia Cerebral sem oralidade: avaliação da comunicação durante atividades com jogos digitais**. 2011.

SILVA, Daniela Baleroni Rodrigues. **Avaliação das atividades de crianças com paralisia cerebral na escola regular: participação, níveis de auxílio e desempenho**. 2007.

ARAÚJO, Cristiane Monte de et al. **O processo de avaliação pedagógica do discente acometido de paralisia cerebral: uma revisão da literatura**. 2019.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação: relações com o consumo. Importância para a constituição da cidadania. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 7, n. 19, p. 49-65, 2010  
 MANZINI, Mariana Gurian et al. Programa de Comunicação Alternativa para uma Criança com Paralisia Cerebral e seus Parceiros de Comunicação: um estudo de delineamento de múltiplas sondagens. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, p. 553-570, 2019.

CHAER, Mirella Ribeiro; GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim. A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. **Pergamino-Centro Universitário de Patos de Minas**,(3), v. 71, p. 88, 2012.

BAUMGARTEL, Priscila. O uso de jogos como metodologia de ensino da Matemática. **Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-graduação em Educação Matemática**, Xx, 2016.

DE OLIVEIRA, Sara Silva Ambrozio. **PROTAGONISTA E A COADJUVANTE NA ALFABETIZAÇÃO DE UMA CRIANÇA COM PARALISIA CEREBRAL**.

ALVARENGA, André Martins; TELMO, Bruna Borges. **ALUNOS ESPECIAS NA CONTEMPORANEIDADE: APRENDIZAGENS NO ENSINO DA MATEMÁTICA. I Encontro nacional-PIBID da escola do inverno da Educação matemática (EIAMAT). Universidade Federal de Santa Maria. [http://w3.ufsm.br/ceem/eiemat/Anais/arquivos/PO/PO\\_Alvarenga\\_Andre.pdf](http://w3.ufsm.br/ceem/eiemat/Anais/arquivos/PO/PO_Alvarenga_Andre.pdf), 2012.**

SILVA, Alessandro Antunes. Desenvolvimento de jogos educativos para pessoas com necessidades especiais. **RENOTE**, v. 4, n. 2, 2006.

RIBEIRO, Dilson Ferreira; LARA, Isabel Cristina Machado de. **O ENSINO DA MATEMÁTICA PARA ESTUDANTES COM PARALISIA CEREBRAL: AÇÕES QUE CONTRIBUEM PARA A INCLUSÃO DE TODOS**. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 29, p. e0173, 2023.

RIBEIRO, DILSON FERREIRA et al. Propostas de Educação e ensino da matemática para estudantes com paralisia cerebral: metanálise em algumas produções acadêmicas. **Educação em Revista**, v. 36, p. e215616, 2020.

CARNEVALE, Luciana Branco et al. Comunicação Alternativa no contexto educacional: conhecimento de professores. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 19, p. 243-256, 2013.

MELO, Francisco Ricardo Lins Vieira de; MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. Acolhendo e atuando com alunos que apresentam paralisia cerebral na classe regular: a organização da escola. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 13, p. 111-130, 2007.